Acervo ISA

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Jornal do Brasil **Class.:** Waiãpi 34

Data: 19/03/93 **Pg.:**

Índios na festa do Oscar

Documentário sobre uma tribo amazônica concorre à estatueta

SUSANA SCHILD

OS defensores das causas indígenas já têm motivo para varar a noite do dia 29 diante da TV na festa do Oscar: disputando a estatueta de melhor documentário curta-metragem está *At the edge of conquest: the journey of chief Wai-Wai* (*À beira do conquista: a jornada do chefe Wai-Wai*), dirigido por Geoffrey O'Connor, americano de 37 anos formado em antropologia e produtor independente de documentários rodados na Amazônia, como *Contact: the yanomani indians of Brazil* e *The assassination of Chico Mendes*.

At the edge..., que como os outros filmes do diretor teve como produtor associado a empresa carioca Interior Produções, foi filmado em vídeo e exibido na Rio-92. Em seus 29 minutos, consumiu perto de US$ 35 mil e acompanha a viagem do chefe Wai-Wai da tribo waiãpi a Brasília. Na agenda deste autêntico cara-pintada, a negociação com autoridades sobre a demarcação das terras para a pequena comunidade no norte do Amapá. Pelo telefone, de Los Angeles, O'Connor falou ao **JORNAL DO BRASIL.**

Os índios waiãpi são os atores do filme concorrente ao Oscar de documentário

"O filme exibe os índios ameaçados e mostra que a demarcação das terras não saiu do papel"

— O que significa para você concorrer ao Oscar com *At the edge of conquest: the journey of chief Wai Wai*?

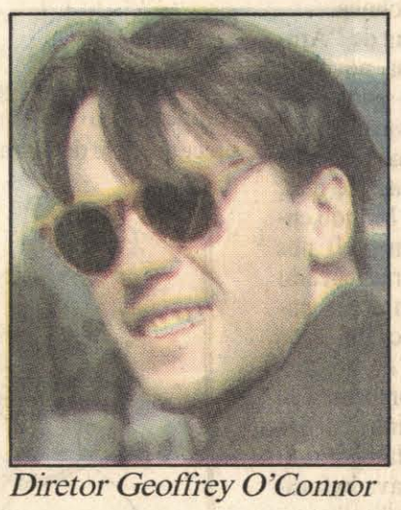
— Muitas coisas. Tenho muito orgulho deste filme, e acho que esta indicação representa a possibilidade de atingir a um público mais amplo, tanto nos Estados Unidos como em outros países. Depois, uma prova de reconhecimento do tema que se estende de forma mais ampla à questão indígena. Considero um avanço quando a Academia elege a sobrevivência de índios como tema de seus finalistas.

— Você acha que com este filme o Brasil está de certa forma representado na corrida ao Oscar?

— Vejo a questão em dois níveis. No primeiro, está um documentário que aborda uma questão muito específica da realidade brasileira, que focaliza uma tribo muito pequena, seus problemas de terra, da exploração do ouro e da sobrevivência de uma cultura que até poucos anos não teve contato com os *brancos*. No segundo, a viagem de Wai-Wai a Brasília reproduz, de forma quase épica, a luta dos índios de todos as partes, inclusive nos Estados Unidos, pelo reconhecimento à sua sobrevivência e cultura. Uma luta que já dura 500 anos.

— *At the edge of conquest* foi rodado em vídeo. Você sabe se é um procedimento novo da Academia aceitar filmes rodados inicialmente neste formato?

— Não sei responder. Só sei que filmamos em vídeo e transferimos depois para película em 16 mm. Não conheço os procedimentos habituais da Academia, mas ela fala de *moving pictures*, ou seja, imagens que se movem — e isso meu filme faz. Talvez essa aceitação faça parte de uma tendência atual nos Estados Unidos de exibir comercialmente filmes feitos inicialmente em vídeo, principalmente pelos independentes.



Diretor Geoffrey O'Connor

— Como foram as filmagens? Você foi bem recebido pela tribo dos waiãpi?

— O filme só foi possível graças à consultoria da antropóloga Dominique Gallois, que vive em São Paulo e acompanha a questão dos waiãpi há dez anos, e ao apoio de Patrícia Monte-Mór (da Interior Produções). Fiz questão de explicar ao chefe Wai-Wai a minha intenção de levar seus problemas ao público mais amplo possível. Por incrível que pareça, ele sabe da existência dos Estados Unidos pelo contato com missionários americanos e pela força dos meios audiovisuais. Mas realizar um documentário sobre esse tema impõe questões muito delicadas, principalmente quanto à possibilidade de manipulação. Quis transmitir em imagens o ritmo daquela cultura da forma mais fiel possível, e, para isso, Wai-Wai não foi apenas personagem, mas um participante ativo das filmagens.

— Você acha que seu filme, retratando uma tribo indígena e problemas amazônicos, atende a uma expectativa internacional de imagens brasileiras, ligadas sobretudo a aspectos *exóticos*?

— Reconheço que as imagens que chegam ao exterior estão basicamente vinculadas à violência no Rio, aos menores abandonados, à Praia de Ipanema e aos índios da Amazônia. No caso dos índios, no entanto, esta expectativa é muito idealizada e irrealista, no sentido de que se espera imagens que mostrem os índios como nobres selvagens, com valores preservados. Meu filme tenta mostrar justamente que esses índios estão ameaçados e que apesar das autoridades terem prometido a demarcação das terras, essa garantia ainda não saiu do papel. E, sem ela, a sobrevivência desta tribo e de outras está ameaçada.

— *At the edge of conquest* é um filme-denúncia?

— Eu não quis de forma nenhuma fazer um filme que condenasse o Brasil. As relações entre o Brasil e Estados Unidos são muito complexas do ponto de vista histórico, social, político, econômico etc. Abordei uma questão específica, mas sei, por exemplo, que existe uma verba do Banco Mundial para a demarcação das terras indígenas e que este fundo foi bloqueado pela burocracia.

— Quais as suas expectativas de ganhar o Oscar?

— Bom, o que se diz por aqui é que é de um para cinco.

Exotismo e folclore para turista ver

LUCIANA HIDALGO

SEMPRE que o olhar primeiro-mundista espreita o lado de baixo do Equador, parece buscar símbolos nacionais tão massificados que só existem no Brasil fabricado para turista ver. Nada além. Quem olha de fora crê que o país das mulatas rebolativas é no máximo uma reserva indígena com a sorte de abrigar a Floresta Amazônica. E o Sambódromo. Na semana passada, o Brasil teve reforçada na imprensa internacional outra de suas faces constrangedoras. Os rituais de magia negra ensaiados na Casa da Dinda revelaram que até um presidente da República tem vocação para pai-de-santo. Seria o país um pacífico terreiro de candomblé? Pois a indústria cinematográfica americana parece tirar dessas raízes brasileiras o fino extrato do exotismo latente. E se deleita. O curta brasileiro que agora concorre ao Oscar, por exemplo, focaliza as questões da demarcação das terras da tribo waiãpi. E um dos mais badalados direitos de filmagem disputados no exterior foi o de filmar a história de Chico Mendes.

A vida do ex-líder seringueiro do Acre tanto instigou produtores estrangeiros que deu até briga. Ficou decidido que o diretor americano Chris Menges levaria o filme adiante, mas, apesar da réplica de Xapuri já montada em Costa Rica, as filmagens nem começaram. Até o diretor de cinema Ridley Scott já se interessou pela filmagem da vida de Paulinho Paiakan. Mas quem conhece bem esse assunto é Hector Babenco. Foi com *Pixote — A lei do mais fraco*, em 1980, que o diretor argentino radicado no Brasil abriu caminho nos Estados Unidos. A história do menor abandonado chegou a ser considerado o terceiro melhor filme estrangeiro dos anos 80 numa enquete entre críticos americanos. Nada mais *brasileño*. Só que seu recente filme, *Brincando nos campos do Senhor*, uma produção de US$ 35 milhões, ficou aquém em popularidade. Parece que os Estados Unidos não receberam com bons olhos o entrave entre índios e brancos, tratado de forma séria, sem pitadas de folclore.

Brincando nos campos do Senhor: *sem nenhuma concessão ao exótico*

O Brasil macumbeiro também já foi *set* de filmagem. O filme *Feitiço no Rio*, uma pobre produção de 1984, é um festival de bobagens. Liga um romance no Rio a imagens de uma cidade marcada por rituais de umbanda, coqueiros e papagaios. A onda da lambada também chegou a render pelo menos quatro fracas produções exibidas aqui, explorando a dança com roteiros estranhíssimos. Mas há esperanças. Em entrevista recente ao **JORNAL DO BRASIL**, Jim Stark, o produtor de filmes de Jim Jarmush que veio ao Rio para discutir o cinema independente, rechaça a folclórica visão estrangeira sobre temas brasileiros. "Discordo de que existe uma expectativa de se ver sempre os mesmos clichês sobre o filme brasileiro. As pessoas querem ver coisas novas."